



eva

DIRECÇÃO DE  
CAROLINA  
HOMEM CHRISTO

# eva

ANO 10.º — N.º 486  
1 de Setembro de 1934  
LISBOA

\* A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODAS AS REVISTAS FEMININAS PORTUGUESAS \*

## ATRAVÉS DA MODA DE PARIS

### AS ELEGANCIAS DO VERÃO

Para se ter uma idéa exacta das elegâncias da moda não nos devemos limitar a observar sòmente o que aparece nos grandes dias de elegância em Paris, porque assim ficaríamos desorientadas julgando a moda espalhafatosa quando, pelo contrário, a actual é tôda sóbria e distinta.

O papel dos costureiros nesses dias é o de lançar certas novidades atraentes, que dêem nas vistas pela ousadia mas que a maior parte das vezes não ficam por não agradarem ao gôsto requintado das parisienses.

Nas *garden-party*, chás e outras reuniões, aonde as *toilettes* vistosas são admitidas, apesar do ambiente não ser o mesmo do das corridas, vêem-se ainda os vestidos de *organdi*, de musselina, de todos os tecidos leves que foram lançados ultimamente mas numa nota mais discreta. A frescura e a juvenildade desses vestidos não é prejudicada pela abundância excessiva dos folhos, pelas mangas volumosas de mais ou pela roda demasiada em baixo. Todos os modelos eram vinadamente distintos. A verdadeira elegância consiste justamente em vestir à moda mas sem exageros.

De resto seria um êrro grande vestir em tôdas em emergências *toilettes* destinadas a uma só.

Um vestido de *organdi* ou de cassa bordada não deve ser passeio a tôdas as horas do dia mas sòmente na do chá elegante ou à noite no Casino.

Não ha nada menos chique do que querer aparentar que se é, e vale mais apresentarmo-nos à noite com um vestidinho singelo do que de manhã com um elegante de mais.

A maior vantagem da moda actual é dar-nos todas as possibilidades.



LELONG

Foto Studio Dorovyne

Conjunto de verão, branco e preto. Bordados e cinto de camurça preta cortam a brancura do vestido, que é recoberto com um casaco preto. Chapéu preto e branco

# o espreguiçar da vaga

por MARIA DA NÓBREGA

Maria Antónia, a única filha do Marquês de Val-de-Guise ferida no seu amor sincero e profundo, deixara a sociedade onde vivera amimada, contente, e refugiara-se numa casa construída sôbre rochedos à beira do Oceano, num dos recantos mais ignorados do nosso litoral. Desde muito criança vivia só com o pai, austero fidalgo para quem a memória da mulher adorada, a lealdade à monarquia e o amor pela filha eram tôda a razão da sua vida. Pela companheira querida vestira eterno luto, para defesa das suas ideias iria ainda combater se preciso fôsse, pela filha, a linda Maria Antónia, sacrificara-se frêquentando os salões mundanos e camarotes de teatro quando, amofinado de saúdades, mais desejava o remanso do seu velho solar alentejano. Poderia, acaso, resistir aos rogos daquela criaturinha carinhosa, alegre, risonha, a quem os dias pareciam poucos para gozar os seus dezoito anos de rapariga sãdia e feliz? Como negar-lhe o prazer dos bailes, das festas onde a loira «Mariazinha de Val-de-Guise», como lhe chamavam, era admirada e querida de tôda a gente? Não lhe dava ela, também, tantas consolações? Quantas vezes, ao pai, vinham momentos de amarga saüdade, desejos da morte além da qual encontraria a espôsa nunca esquecida! Quantas vezes a lembrança do passado lhe causava insuportável dôr! Era então que Maria Antónia sabia, como ninguém mais, dar alívio a tão grande amargura, atraír as lágrimas que fazem bem, orvalhos que dão vida ao tronco envelhecido, carícias da primavera.

Dêste modo o tempo fôra passando entre saúdades de uma existência distante e de outra que decorria sem nuvens, nem maiores cuidados. Entretanto o destino preparava novos dissabores, alvejara a encantadora criança no seu ditoso viver. Cortejada desde o dia em que entrara na sociedade, Maria Antónia, ainda não conhecera affecto que se assemelhasse à doce alvorada do amor. Linda, atraente, simpática, naturalmente muitos homens a desejariam para mulher, já sem falar naqueles que a sua fortuna deveria seduzir. Porém a rapariguinha conversava com todos com tanta simplicidade, que, mais não vendo no seu olhar além da expressão ingênua, leal de franca ca-

maradagem, logo se continham, ainda os mais apressados.

Um dia de Maio, porque o tempo estava maravilhosamente belo, apeteceu à Maria Antónia sair da cidade e ver o mar.

Acompanhada pela governante, no carro por ela mesma conduzido, seguiu pela estrada de Cascais. A Primavera enchia de graça tôdas as coisas. Inúmeras rosas trepavam pelos muros dos jardins, vestiam-se de novo os arvoredos, verdejavam os campos.

Entusiasmada, a rapariga quís ir mais longe. Já tinham passado os Estoris, a ridente baía fechada pela altiva cidadela, depois as ágras escarpas da Boca do Inferno, quando à beira da estrada um grupo lhes despertou maior atenção. Um homem e duas mulheres rodeavam um mendigo que sentado no chão se arrimara a um monte de pedras. Maria Antónia, compadecida, parou o carro, indagou o que afligia o desgraçado. Respondeu-lhe uma das mulheres que o tinham encontrado ali desfalecido, a morrer de fome. Que por sorte uma delas levava o jantar ao marido e assim rapidamente lhe pudera valer. — «Ora, lá em baixo comprarei mais alguma coisa pr'ó meu homem, e você, tiozinho, também agora fica remediado por algum tempo pela boa esmola que êsse (Continua na pág. 23)



## O espreguiçar da vaga

(Continuação da página 13)

senhor lhe deu». — Isto dizia a criatura que do seu pouco socorrera o infeliz. Só então, Maria Antónia, reparou no senhor que discretamente se afastara e sorrindo contemplava a graciosa recém-chegada.

Porque razão se alvoroçou o coração da rapariga? Que estranha simpatia logo sentiu por aquele desconhecido que respeitosa e cumprimentava? Que vago enleio a oprimia e deliciava? Seria o encanto da paisagem, da manhã divina? O frémido da vida de tantas flôres que pelos campos e jardins expandiam a sua alegria de amar e viver? Tocara-lhe o coração o gesto piedoso e largo daquela esmola que, no dizer da pobre mulher, iria dar muitos dias de relativo conforto ao velho caminheiro?

Fôsse o que fôsse, uma afeição, parecendo recíproca, nasceu daquele encontro e não tardou em dizer-se que a filha do marquês de Val-de-Guise estava enamorada de um rapaz que habitualmente residia no estrangeiro mas, agora, prês de amor pela formosa rapariga, se demorava em Lisboa.

Durante alguns meses, Maria Antónia, viveu um sonho de ideal ventura. Sorria um futuro ridente à imaginação da meiga e incauta criaturinha. O enlêvo inocente do seu amor encobria-lhe as pedras do caminho. Não reparava no olhar esquivo, desatento do homem que amava como noiva confiante. Não se alarmava com o frio silêncio que por vezes correspondia aos seus entusiasmos quando ela lhe contava o despertar do seu amor naquela manhã de resplandecente beleza.

Como as velas das embarcações no Oceano azul lhe pareciam azas de anjos a trazer-lhe a felicidade! Não suspeitava a ingénua criança que o magnífico castelo doirado das suas ilusões iria em breve afundar-se tal como ao rutilo esplendor do dia sucede a noite sombria e triste.

Um dia, êsse homem, sob qualquer imaginado pretexto, anunciou-lhe a sua urgente saída de Portugal. Logo, pela primeira vez surpreendida, receosa, a fidalguinha atreveu-se a interrogá-lo mas apenas vagas afirmações e promessas obteve por resposta. Depois, alguns dias passados após a partida, uma carta lacónica de simples rompimento veio ferir brutalmente o meigo coração de Maria Antónia. Então ao atormentado espírito da desiludida namorada acudiram naturais perguntas num tumulto de enlouquecer. Porque lhe mentira? Algum tempo teria sido sincero? Quis fugir da cidade dos divertimentos e o pai, a quem as lágrimas da filha davam ímpetos de mudo desespero, apressou-se a fazer-lhe a vontade, a levá-la para um lugar deserto junto do mar. — «Ali quero ficar sempre, sempre...», dizia sem contar com a sua mocidade, esquecida do pouco conhecimento que tinha da vida, das suas mudanças e contrastes.

Dois anos tinham passado sobre aquele malogrado episódio de amor. Maria Antónia perdera a sua despreocupada alegria. No entanto o tempo quebrara momento a momento a violência do primeiro desgosto. O olhar do pai, sempre atento e cuidadoso, já por vezes vira despontar breves sorrisos no rosto lindo da filha idolatrada, prenúncios bonançosos do final daquela tormenta de amarga saúde e vaidade humilhada que tanto a fizera sofrer.

Numa tarde, após um longo passeio, assentaram-se os dois sobre umas rochas da praia. Esperavam a hora encantada do poente, ao

qual grossas nuvens acasteladas prometiam dar magnífico esplendor.

Quem não admira os fantásticos jogos de luz que o sol desdobra nas alturas do céu, nos platinos moventes dos mares nas calmas tardes outonais?

Maria Antónia, pensativa, fixava a vista no largo cenário e de súbito turvaram-se de orvalhos tristes as suas claras pupilas.

Sobressaltou-se o pai e esquecendo o silêncio que sobre o passado a si mesmo impusera, exclamou: «Minha filha, acaso não terá fim a tua máguia? Porque choras, ainda?»

Então a rapariga, sacudindo a ponta esguia do pé que uma onda branca de espuma viera beijar, respondeu sorrindo: — «Foi apenas o espreguiçar da vaga... Vês, como já vai longe? Não te inquietes, meu pai... vai muito longe...»

Junho de 1934.

## Respostas de Bela-dona

**Yetta** — Não se esqueça de em seguida ao banho se friccionar com uma boa água de Colónia. Verá como fica muito mais calma. O banho deve ser à temperatura do corpo. A água de Colónia da marca *Nally* merece-me toda a confiança. É muito fresca, muito bem perfumada e de preço acessível. Posso enviar-lha à cobrança. Ainda bem que aprecia os produtos que enviei da *Nally!* O *baton* é realmente muito bom.

**Guenu** — O nariz e testa brilhantes é muitas vezes devido a um excesso de secreção das glândulas sebáceas. Deve tratar bem a sua pele, lavá-la com água fervida, morna, e ensaiar algumas lavagens com éter (num quarto sem lume). O aspecto brilhante da pele é o primeiro sinal do seu mau funcionamento. Como *baton* evite os tons atirando para violeta, prefira o *baton* levemente alaranjado, visto ser um pouco morena.

Para diminuir o ventre, ancas e coxas não ha como fazer ginástica. Em carta particular posso ensinar-lha.

**Que fazer?** — Primeiro, enviar-me os 5 escudos para a resposta particular. Só assim respondo em carta. Depois seguir à risca os conselhos que lhe darei nessa carta e... depois ser persistente no tratamento. Emagrecerá rapidamente. E então... se fizesse todos os dias um quarto de hora de cultura física! Não lhe digo mais nada.

Se as sardas são recentes, muitas vezes desaparecem só com umas aplicações de água oxigenada.

**Helena** — Os seios estão assim devido à gravidez; isso passa. Durante o período da amamentação do seu filhinho use sempre um bom *soutien* que ampare bem os seios sem os apertar. Como vive em Lisboa, tem facilidade em escolher um bom modelo. Veja na *Pompadour*. Pode alimentar-se bem, sem abusar dos alimentos que engordam. É questão de saber escolher os alimentos. Sim, deve beber bastante água, mas com cuidado. Nas mãos aplique a *Nallyderme*.

**Isabel Maria** — Para evitar a transpiração use o *Desodorol*, da *Nally*. Custa 10 escudos.

O creme de lanoline é excelente para a pele e aplicado em seguida ao banho na planta do pé evita essas calosidades que tanto a incomodam.

**Andrêa S.** — Não dorme ou dorme mal. Se pode, deve duas ou três vezes por dia esten-

der-se num quarto às escuras; faça por não pensar em coisa alguma. Conte um carneiro, dois carneiros, três carneiros, etc., imaginando-os. A um momento dado não verá nada e terá mergulhado num sono profundo. É preciso aprender a dormir. Quanto mais se dorme, mais desejo se tem de dormir, e quanto menos se dorme, menos se pode dormir. Para adormecer deve expulsar as idéias fixas que a atormentam.

Nada prejudica mais a beleza da mulher do que as insónias. Tome todos os dias um banho à temperatura do corpo e depois fricção-se com uma luva embebida em água de Colónia da *Nally*.

**Madame S. E.** — Convença-se de que para se ter saúde e conservar-se a beleza do corpo é necessário observar certas noções de higiene. O banho é indispensável ou então o *douché*, seguido de fricções com água de Colónia.

Para conservar o colo bonito, sem rúgas, nem vincos e evitar a tendência para o duplo-queixo, use o *Garcinal*. Posso enviar-lhe qualquer produto à cobrança. Nos cotovelos aplique o mesmo produto.

Para diminuir o ventre e as ancas não ha como fazer ginástica. Ensino-a em carta particular, que custa 5 escudos.

**Uma alfacinha desolada** — Não se queixe se não da sua falta de vontade em resistir aos bombons e aos bolos, se aumentou de peso. Pode comer normalmente carne, legumes e alguns frutos sem perigo de engordar, pelo contrário, o mais pequeno bolo tem, pelo menos, 150 calorias. Enquanto não modificar a sua alimentação não espere emagrecer.

Posso, em carta particular, ensinar-lhe o tratamento para enrijar os seios. Já lhe digo que o aparelho «Venus-Douche», empregado no enrijamento dos seios, custa 200 escudos.

## MOBILIA

da Fábrica de Mobílias da Granja, de luxo em contraplacado e de estilo. Os menores preços. V. Ex.<sup>a</sup> não deve comprar sem consultar os n.ºs de desenhos e preços. Exposição em Évora: Rua da República, 42. Entregas grátis. Pedidos a **VALENTIM & FILHOS** — Praia da Granja.

## Ninhos destruídos

Por todo o País, tem-se registado nos últimos tempos uma verdadeira caça aos ninhos, mas ninhos de Piolhos, sendo destruídos com fricções de «Marie-Rose», a loção perfumada que, em três minutos, extermina êsses terríveis parasitas da cabeça e do corpo. Preço 5\$50 em todas as drograrias.

Distribuidor geral: Creagê

## Depressa... o APYROL



Este maravilhoso produto científico suprime imediatamente a dor das queimaduras, causadas pelo fogo, sol, etc. Cura-as e evita que empolem. Igualmente eficaz nos golpes e contusões.

# Apyrol

REGENERA E VITALISA A PELE

SAVAT

Dep. excl.: Raul Vieira, Lda.  
Rua da Prata, 51, 3.º — LISBOA

## SALÃO MARCEL



A arte de pentear é um maravilhoso segredo de que os nossos «ateliers» são ha anos depositários.

Continuando a manter a mesma perfeição em todos os trabalhos e a em pregar sómente artigos de primeira qualidade, resolveu a gerência do **Salão Marcel**, a título de expandir o seu reclame, suavisar os preços da sua tabela.

RUA GARRET, 48, S-L., — TELEFONE 26491